

Cadernos de Formação

Projeto

MOVA-Brasil

Programa Petrobras Socioambiental

Avaliação do processo de ensino e aprendizagem

Alessandra Rodrigues dos Santos
Sonia Couto

Realização



Apoio



Ministério da
Educação



Cadernos de Formação

Projeto

MOVA-Brasil

Programa Petrobras Socioambiental

Avaliação do processo de ensino e aprendizagem

Alessandra Rodrigues dos Santos
Sonia Couto

São Paulo, 2015
1ª edição

Expediente

COMITÊ GESTOR MOVA-Brasil

FUP – Federação Única dos Petroleiros

José Genivaldo Silva
Tereza Mara Cruz

IPF – Instituto Paulo Freire

Moacir Gadotti
Francisca Pini
Alexandre Munck – Suplente

Petrobras – Petróleo Brasileiro S.A.

Adoniran de Carvalho Costa
Dilermando Tell Cunha – Suplente
Eduardo de Almeida Pacheco Amaral – Suplente

FEDERAÇÃO ÚNICA DOS PETROLEIROS

Articulação social

Polo AM – Aldemir Caetano e Paulo Neves
Polo BA – Luciomar Machado e Leonardo Urpia
Polo CE – Marcondes Muniz
Polo MA – José Josivaldo Alves de Oliveira
Polo MG – Gildo Roberto Almeida
Polo PE/PB – Luiz Lourenzon
Polo RJ – Manoel Ramos e Vitor Carvalho
Polo RN – Jailson Morais
Polo SE – Genivaldo Alves dos Santos

INSTITUTO PAULO FREIRE

Coordenação pedagógica e administrativa nacional MOVA-Brasil

COORDENAÇÃO GERAL

Alessandra Rodrigues dos Santos

PEDAGÓGICA

Claudilene de Lima Gonzaga
Luiz Marine José do Nascimento
Mariana Galvão Nascimento
Rodrigo Costa da Silva

ADMINISTRATIVA

Adriana Navarro
Bruna Caroline Rodrigues do Santos
Jacira da Silva Paiva
Maria Aparecida Domingues
Rafaela Francisco
Sandra Pereira da Silva – Coordenadora
Sandra Silvério
Simone Pereira

Coordenação de polos

Alagoas – Elenice Peixoto Toledo
Amazonas – Alice Aparício Aidem
Bahia – Claudiane Batista Lima de Jesus
Ceará – Francisco Iran Gomes da Silva
Maranhão – Maria Gonçalves da Conceição
Minas Gerais – Andreia Sol
Pernambuco/Paraíba – Virginia Almeida
Rio de Janeiro – Geanne Pereira Campos
Rio Grande do Norte – Josileide Silveira de Oliveira
Sergipe – Valéria Santos

Ed,L – Editora e Livraria Instituto Paulo Freire

Janaina Abreu – Coordenadora Gráfico-Editorial
Emília Silva – Assistente de Produção Gráfico-Editorial
Renato Pires – Capa
Maps World e Aline Inforsato – Identidade Visual, Projeto Gráfico,
Diagramação e Arte-Final
Julio Talhari e Daniel Shinzato – Revisão
Ângela Antunes e Paulo Roberto Padilha – Revisão de conteúdo

Alessandra Rodrigues dos Santos

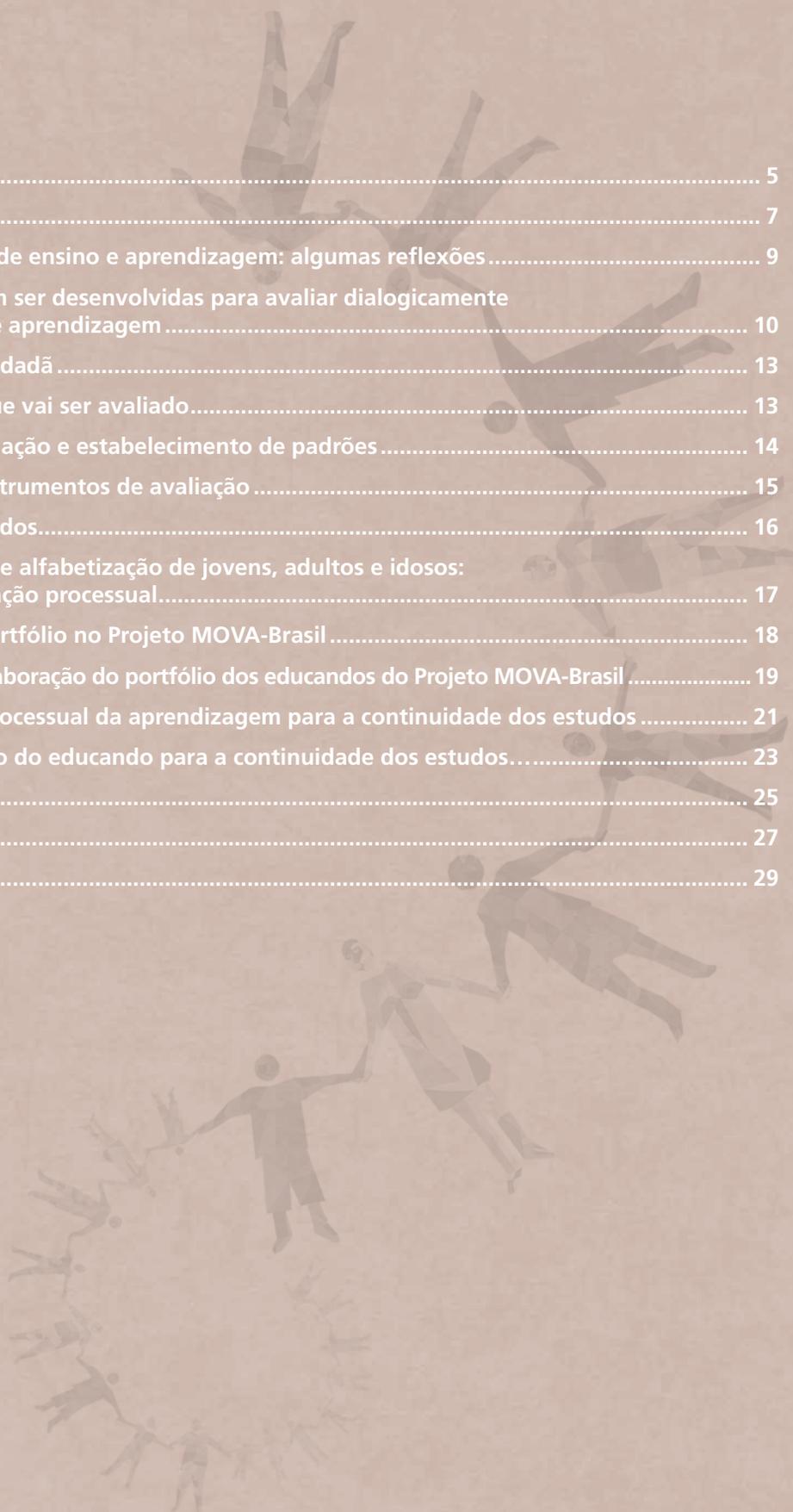
Mestre em educação pela Universidade de São Paulo (USP). Experiência em formação de professores, educadores, gestores de jovens, adultos e idosos. É coordenadora da área de Educação de Adultos do Instituto Paulo Freire.

Sonia Couto

Mestre e doutora pela Faculdade de Educação da USP. Professora aposentada da rede municipal de Educação de São Paulo e licenciada em Letras e Pedagogia. Atualmente coordena o Centro de Referência Paulo Freire, que tem como missão socializar e dar continuidade ao legado de Paulo Freire.

Sumário

Apresentação	5
Introdução	7
1. Avaliação do processo de ensino e aprendizagem: algumas reflexões	9
1.1 Práticas que podem ser desenvolvidas para avaliar dialogicamente o processo de ensino e aprendizagem	10
2. Avaliação dialógica e cidadã	13
2.1 Identificação do que vai ser avaliado	13
2.2 Construção, negociação e estabelecimento de padrões	14
2.3 Construção dos instrumentos de avaliação	15
2.4 Análise dos resultados	16
3. Portfólio no processo de alfabetização de jovens, adultos e idosos: um caminho para a avaliação processual	17
3.1 Organização do portfólio no Projeto MOVA-Brasil	18
3.2 Passo a passo da elaboração do portfólio dos educandos do Projeto MOVA-Brasil	19
4. O acompanhamento processual da aprendizagem para a continuidade dos estudos	21
4.1 O encaminhamento do educando para a continuidade dos estudos	23
5. Avaliação institucional	25
Sugestões de vídeos	27
Referências	29



Apresentação

Prezada educadora, prezado educador,

Em 1989, Paulo Freire criou o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (MOVA-SP), no qual foram plantadas sementes que até hoje geram frutos e contribuem para a diminuição do analfabetismo no Brasil e em outros países.

Em 2001, no contexto do I Fórum Social Mundial de Porto Alegre, surgiu a ideia de um projeto de alfabetização de jovens e adultos que tivesse a mesma força e organização curricular do MOVA-SP, mas que pudesse alcançar diversos estados brasileiros. Isso foi possível a partir de 2003, quando a Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras), a Federação Única dos Petroleiros (FUP) e o Instituto Paulo Freire (IPF) consolidaram uma parceria histórica e deram início ao Projeto MOVA-Brasil.

De 2003 a 2014 foram alfabetizadas 267 mil pessoas e formados(as) cerca de 11 mil alfabetizadores(as), monitores(as), coordenadores(as) locais e de polos. Foram muitos os êxitos ao longo desses anos, mas o desafio continua e há muito por fazer, pois todos sabemos que ainda há cerca de 14 milhões de pessoas analfabetas em nosso país.

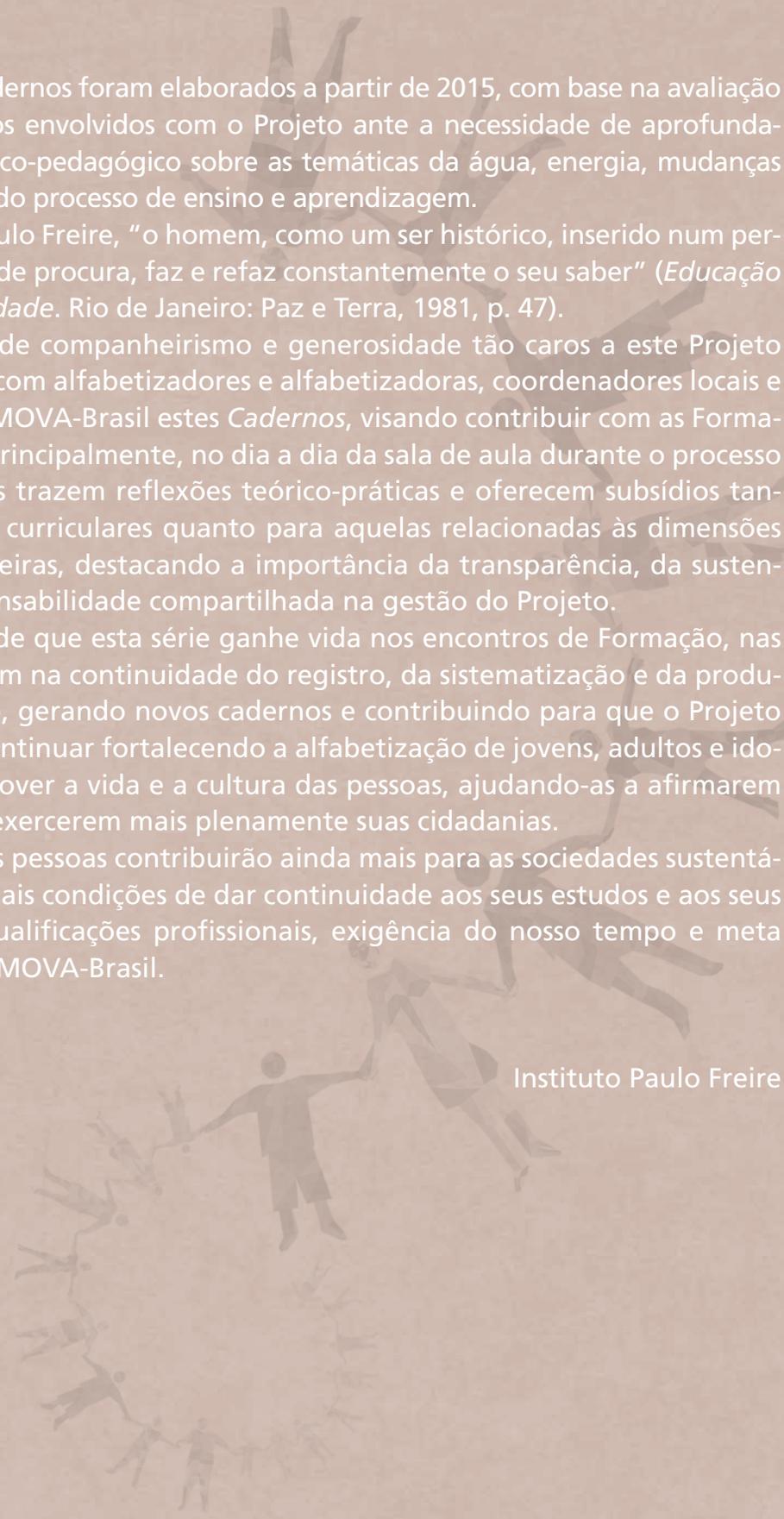
Por isso, reafirmamos a concepção de educação popular em direitos humanos como orientadora do Projeto MOVA-Brasil, tendo em vista a possibilidade de inter-relacionar a cultura dos sujeitos com mobilização para o processo de emancipação social.

A nossa disputa pelo campo democrático e popular se constitui numa garantia de que essa conquista se torne permanente e seja consolidada em práxis político-pedagógicas.

Retrocessos em políticas públicas sempre estão na ordem do dia. É por isso que a luta deve ser permanente e as conquistas devem ser aprofundadas e consolidadas, inclusive no campo legal e jurídico. Direitos humanos precisam sempre serem reconquistados.

O Projeto MOVA-Brasil tem essa identidade com a promoção dos direitos humanos quando assegura como sujeitos prioritários as mulheres, as comunidades tradicionais e os negros. Ele se desenvolve em 11 estados, a saber: Amazonas, Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Pernambuco, Paraíba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Apresentamos a você, educador e educadora, a Série Cadernos de Formação do Projeto MOVA-Brasil, composta por oito volumes: Educação de Adultos; Metodologia MOVA; Educação Popular; Economia Solidária; Diversidade e Direitos; Gestão Compartilhada, Água, energia e mudanças climáticas; Avaliação do processo de ensino e aprendizagem.



Os dois últimos cadernos foram elaborados a partir de 2015, com base na avaliação realizada pelos sujeitos envolvidos com o Projeto ante a necessidade de aprofundamento teórico e político-pedagógico sobre as temáticas da água, energia, mudanças climáticas e avaliação do processo de ensino e aprendizagem.

Como escreveu Paulo Freire, “o homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber” (*Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 47).

É nesse contexto de companheirismo e generosidade tão caros a este Projeto que compartilhamos com alfabetizadores e alfabetizadoras, coordenadores locais e equipe dos polos do MOVA-Brasil estes *Cadernos*, visando contribuir com as Formações Continuidades e, principalmente, no dia a dia da sala de aula durante o processo de alfabetização. Eles trazem reflexões teórico-práticas e oferecem subsídios tanto para as atividades curriculares quanto para aquelas relacionadas às dimensões administrativo-financeiras, destacando a importância da transparência, da sustentabilidade e da responsabilidade compartilhada na gestão do Projeto.

Nosso desejo é o de que esta série ganhe vida nos encontros de Formação, nas salas de aula e também na continuidade do registro, da sistematização e da produção do conhecimento, gerando novos cadernos e contribuindo para que o Projeto MOVA-Brasil possa continuar fortalecendo a alfabetização de jovens, adultos e idosos, de forma a promover a vida e a cultura das pessoas, ajudando-as a afirmarem suas identidades e a exercerem mais plenamente suas cidadanias.

Dessa forma, essas pessoas contribuirão ainda mais para as sociedades sustentáveis do país e terão mais condições de dar continuidade aos seus estudos e aos seus aprimoramentos e qualificações profissionais, exigência do nosso tempo e meta renovada do Projeto MOVA-Brasil.

Instituto Paulo Freire

Introdução

Avaliando a avaliação

Você, educador, tem recordação de algum fato marcante de seu período escolar relacionado à avaliação? Em caso afirmativo, esse fato influenciou a sua prática docente? De que forma?

A avaliação, apesar de ser prática presente em muitos setores da vida, continua causando mal-estar. Uma entrevista de emprego ou a participação em uma performance artística são situações que exigem exposição e, portanto, são passíveis de avaliação. Algumas tribos na antiguidade submetiam os jovens a uma prova referente aos usos e costumes do seu povo para serem considerados adultos.

Na educação não é diferente. Durante todo o percurso escolar, o estudante é “alvo” de inúmeras práticas avaliativas em diferentes formatos: provas orais e escritas, trabalhos individuais e em grupos, apresentação de seminários, correção de cadernos, observação do comportamento etc. Muitas dessas práticas são temperadas com uma inexplicável dose de sadismo, pois lançam mão de pegadinhas, palavras de duplo sentido, armadilhas, com o claro objetivo de desestabilizar o estudante. Isso sem contar o controle feito no “dia da prova”, com vigilância extrema, promovendo um ambiente de terror e insegurança.

Pesquisa realizada pela professora Jussara Hoffmann revelou que professores e professoras associaram a avaliação a imagens

[...] de dragões, monstros de várias cabeças, guilhotina, túneis escuros, labirintos e carrascos... Outras imagens evocam objetos-surpresa ou de controle: bolo de faz de conta, embrulho de presente, radar, termômetro, balança... Raras vezes surgem imagens de cunho positivo relacionadas à palavra (HOFFMANN, 1999, p. 13-14).

Essa visão está ancorada em uma concepção de *educação bancária*, verticalizada, que concebe a aprendizagem como *memorização de conteúdos* prontos e distante do real sentido que ela dever ter. Essa forma de avaliar tem causado aos estudantes inúmeros problemas de ordem emocional, contribuindo para a evasão e, conseqüentemente, para a manutenção dos baixos níveis de escolaridade no Brasil. Essa constatação provocou a necessidade de repensar a avaliação, e muitos estudos e pesquisas começaram a surgir no final da década de 1980 e início dos anos 1990.

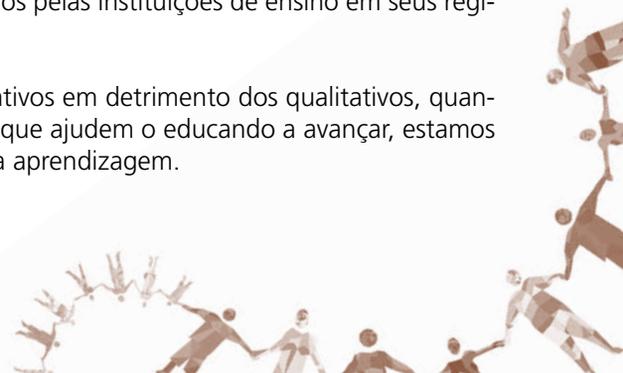
No Brasil, a partir desse período, passou-se falar com mais ênfase em avaliação emancipatória, diagnóstica, dialógica, formativa, mediadora, avaliação institucional, avaliação de políticas públicas, dos sistemas de ensino, avaliação de resultados, avaliação continuada, simples e complexa. Ao longo desse período, foi consolidando-se a ideia de avaliação como *processo e não como produto*.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96, no inciso V, artigo 24, consta:

Artigo 24 – [...] Inciso V – a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos (BRASIL, 1996).

Quando se avalia considerando apenas os aspectos quantitativos em detrimento dos qualitativos, quando a avaliação não é usada para promover intervenções precisas que ajudem o educando a avançar, estamos desconsiderando a LDB e deixando de usar a avaliação a favor da aprendizagem.



Este *Caderno* busca refletir sobre o sentido da avaliação, reafirmando o seu caráter *processual, formativo, dialógico e cidadão*.

A avaliação é *processual* por estar presente em todo o percurso e possibilitar, além da aprendizagem, o *ajustamento das ações* durante desenvolvimento do curso e não apenas no seu final, como muitas vezes acontece. Os custos políticos, sociais e educacionais decorrentes dos erros no processo são muito grandes e, às vezes, irreversíveis. Portanto, é preciso que o caráter permanente da avaliação, da autoavaliação e a correção dos rumos sejam parte integrante dos cursos e programas educacionais.

Ela é *formativa*, porque fornece elementos para aperfeiçoar a prática, permite refletir sobre o processo vivido, ajudando a perceber as aprendizagens construídas. A dimensão formativa se materializa também no exercício de cidadania ativa, visto que os sujeitos compartilham a oportunidade e a experiência não apenas do usufruto do direito ou benefício conquistado, mas também na apropriação dos mecanismos de elaboração e operacionalização dos processos de avaliação.

A avaliação é *dialógica* por estabelecer uma relação de diálogo tanto com os sujeitos do processo quanto com as experiências anteriores, pois não há um detentor de todo o saber, todos os envolvidos são dotados de capacidade de aprendizagem e trazem uma “bagagem” de conhecimento que é levada em consideração para a superação das diferentes dificuldades. Portanto, não há uma única forma de se resolver um determinado problema. As maneiras de solucioná-los são múltiplas como múltiplos são os seres humanos (ROMÃO, 2011).

O educando da Educação de Jovens e Adultos (EJA), quando resolve voltar a estudar, tem objetivos claros, o que é salutar. Entretanto, esse mesmo educando traz consigo um modelo de escola conservador e autoritário, no qual as provas ocupam lugar privilegiado. Atuar numa perspectiva dialógica de avaliação implica superar a concepção de *educação bancária*, como a definiu Paulo Freire, e passar à postura libertadora, em que educandos e educadores sejam efetivamente sujeitos do processo ensino-aprendizagem, e este seja mediado pelo diálogo.

Na perspectiva cidadã, a avaliação deixa de ser um processo de cobrança para se transformar em mais um momento de aprendizagem. Nesse sentido, ela precisa verificar não só o que foi aprendido, mas como essa aprendizagem tem sido colocada à disposição do educando na vida cidadã. Busca-se, no Projeto MOVA-Brasil, trabalhar a avaliação nessa perspectiva, desafiando os educandos a serem mais *criativos e autônomos*. Isso exige melhor organização do trabalho pedagógico, planejamento coletivo e definição dos momentos, tempos, espaços e conteúdos que farão parte dos processos avaliativos, sempre coerentes com os objetivos.

Neste *Caderno*, propomos refletir sobre o sentido da avaliação. Buscaremos dar centralidade à avaliação do processo de ensino e aprendizagem, mas faremos também referência à avaliação institucional, já que ambas são práticas necessárias no desenvolvimento de um projeto com a abrangência do MOVA-Brasil.

1. Avaliação do processo de ensino e aprendizagem: algumas reflexões

Questão problematizadora

Paulo Freire dizia que quem ensina aprende ao ensinar. Você acredita que a mesma lógica se aplica ao ato de avaliar? Que saberes podem ser construídos ao se avaliar a aprendizagens dos educandos?

No Projeto MOVA-Brasil, avaliamos o processo de ensino e aprendizagem de forma dialógica, coerente com a práxis transformadora que buscamos desenvolver. Só assim a avaliação contribuirá, de fato, para localizar os avanços e os vícios do processo a fim de superar os problemas eventualmente verificados.

Com base nesse pressuposto, apresentamos aqui uma aproximação desse tema e algumas inferências possíveis:

- avaliar não é tarefa fácil nem difícil; é uma atividade complexa, como é o próprio processo educacional;
- tudo o que foi trabalhado pode ser avaliado: os conteúdos, as vivências, o que foi recriado no processo, a qualidade das pesquisas realizadas, os avanços observados nas aprendizagens socio-culturais e socioambientais, bem como a validade do próprio processo avaliativo que foi utilizado;
- se vários são os sujeitos desse processo, todos devem participar de todas as etapas: desde o planejamento do próprio conteúdo até a definição de como será feita a avaliação da aprendizagem. Coletiva e dialogicamente, saberemos definir melhor.

Para o bom desenvolvimento do processo é preciso ter clareza quanto aos:

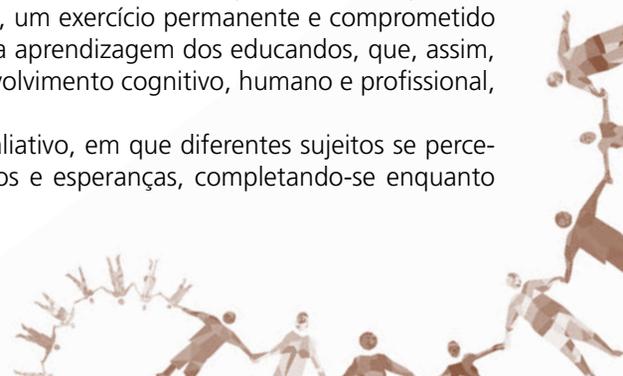
- critérios da avaliação – o que avaliar, com quem, quando, para que vamos avaliar as aprendizagens.
- padrões de avaliação – como avaliar, que instrumentos utilizaremos, que medidas e verificações faremos, como será a atribuição dos resultados (notas, conceitos, outros símbolos). Utilizaremos apenas tais padrões para atribuir os resultados ou vários ao mesmo tempo, combinados entre si?
- registros da avaliação – como registraremos o que foi avaliado, que produções ficarão registradas nos dossiês ou nos portfólios avaliativos?
- resultados da avaliação – como eles poderão retroalimentar o processo de ensino e de aprendizagem e a elaboração do Plano de Trabalho e do Projeto Eco-Político-Pedagógico (PEPP)?

Não faz sentido, por exemplo, planejar as atividades didático-pedagógicas para que as aprendizagens sejam processos coletivos e avaliar de forma individual. Esses são cuidados aparentemente básicos quando falamos de avaliação, mas que, infelizmente, muitas vezes não são tomados. No entanto, na perspectiva dialógica, a intencionalidade incentiva e garante um planejamento de ensino e de aprendizagem inseparável da avaliação.

Outro aspecto importante na hora de avaliar é investir mais em pesquisa. Uma de suas vantagens sobre outros métodos de trabalho é que ela desenvolve, simultaneamente, diferentes dimensões necessárias à formação e à capacitação humana: aprende-se a trabalhar cientificamente, estabelecem-se relações humanas diversificadas, exercita-se a cidadania ativa, a capacidade de tomar decisões teóricas e práticas.

Com a avaliação do processo de ensino e aprendizagem, *na perspectiva dialógica, avalia-se quem ensina, o que se ensina, quando, como, com quem e para quem se ensina*. Ao mesmo tempo, avaliamos quem, o que, quando, como e para que se aprende. A avaliação é, assim, um exercício permanente e comprometido tanto com o processo como com o resultado e com o alcance da aprendizagem dos educandos, que, assim, participam e decidem dialogicamente sobre o seu próprio desenvolvimento cognitivo, humano e profissional, com vistas ao exercício pleno da cidadania.

É preciso também destacar a humanização do processo avaliativo, em que diferentes sujeitos se percebem, entrecruzam olhares, saberes, anseios, expectativas, medos e esperanças, completando-se enquanto



coletivo colaborativo para melhorar o objeto do próprio trabalho educacional que realizam. Nesse sentido, há de se observar a multiplicidade de dimensões da realidade que será avaliada.

A categoria da dialogicidade, tão presente na obra de Paulo Freire, remete-nos à necessária participação de vários sujeitos no processo avaliativo, em todas as suas etapas, pois, se educadores e educandos ensinam e aprendem, eles também avaliam e são avaliados a todo momento.

Conforme Paulo Freire escreveu (1997, p. 44), um dos momentos mais importantes da formação docente é quando acontece a reflexão sobre a prática. Refletir é pensar o já pensado, é voltar na origem dos nossos planos, recuperar as Leituras do Mundo realizadas no início do trabalho e durante o seu desenvolvimento, visando o reconhecimento dos avanços conquistados, por menor que pareçam ser. E é reconhecendo os próprios limites e potencialidades nos processos avaliativos que, com muita humildade e ousadia, estaremos registrando a história que também soubemos escrever.

1.1 Práticas que podem ser desenvolvidas para avaliar dialogicamente o processo de ensino e aprendizagem

Com o intuito de contribuir para que as práticas de avaliação no Projeto MOVA-Brasil sejam ampliadas e diversificadas, sugerimos algumas atividades que podem ser recriadas, reformuladas, modificadas a fim de melhor atender aos objetivos e especificidades de cada turma.

Objetivos	Atividades	Periodicidade	Formas de registro
Avaliar a primeira semana de aula, a fim de perceber se as expectativas dos estudantes estão sendo contempladas.	Modelagem Distribuir massa de modelar* feita pelos próprios educandos e solicitar que modelem um objeto representando os avanços e as dificuldades observadas no retorno aos estudos. Em seguida, explicar para a sala por que escolheu aquela escultura e o que ela representa. Estratégias trabalhadas: representação do pensamento por meio de uma abordagem plástica e desenvolvimento da argumentação (oralidade).	Após a primeira semana de aula.	Fazer uma exposição com os objetos esculpidos e fotografar os objetos para compor o registro fotográfico da avaliação. As fotos poderão compor o portfólio dos educandos.
Perceber se as práticas utilizadas para o ensino dos conteúdos estão propiciando a aprendizagem.	Círculo de diálogo O educador ou educadora poderá selecionar uma atividade trabalhada com o grupo e promover um diálogo com perguntas do tipo: vocês gostaram dessa atividade? Por quê? O que aprenderam com ela? Se não percebem que aprenderam, por que isso aconteceu? O que faltou? Como poderia ser melhor? Estratégias trabalhadas: autoavaliação, avaliação dos métodos de ensino e desenvolvimento da argumentação (oralidade).	Quinzenalmente.	O educador ou educadora poderá anotar as respostas para que possa, em seguida, avaliar suas estratégias de ensino daqueles conteúdos e replanejar suas ações caso não tenha conseguido atingir seus objetivos.

* Receita de massa de modelar: material – 4 xícaras de farinha de trigo, 1 xícara de sal, 1 e 1/2 xícara de água e 1 colher de chá de óleo. Modo de fazer – numa tigela grande, misture todos os ingredientes e amasse bem até ficar boa para modelar. Guarde em saco plástico ou vidro bem tampado. Se quiser dar cor à massinha, use corante para alimento, suco de frutas ou gelatina em pó.

<p>Verificar avanços dos educandos nas diferentes hipóteses de escrita.</p>	<p>Escrita de palavras e frases e textos com base em imagens O educador ou educadora selecionará imagens de três objetos que pertençam ao mesmo campo semântico e sejam escritos com diferentes quantidades de sílabas. Exemplo: farinha, feijão, sal. Em seguida, deve expor as imagens em um lugar visível a todos, fazer a leitura de cada palavra em voz alta e distribuir para cada educando três filipetas com as lacunas para palavras com os diferentes números de sílabas. Deve, então, pedir para escreverem as palavras representada pelo objeto em cada filipeta. Ao longo de todo o processo, o educador ou educadora deverá fazer as intervenções individuais a fim de promover o conflito cognitivo e propiciar a aprendizagem da escrita. Com isso, será possível avaliar as hipóteses em que se encontra cada educando. A atividade também propiciará a escrita de frases e textos.</p> <p>Estratégias trabalhadas: observação e análise, levantamento de hipótese, conflito cognitivo, estabelecimento de novas hipóteses.</p>	<p>Quinzenalmente.</p> <p>Caso seja necessário, o educador ou educadora poderá repetir a atividade com as mesmas palavras para perceber a evolução do educando ao longo do curso.</p>	<p>As filipetas com as escritas deverão compor o portfólio de cada educando a fim de registrar o seu processo de construção da escrita.</p>
<p>Fortalecer o caráter dialógico da avaliação.</p>	<p>Avaliação em pares Os educandos e educandas farão uma autoavaliação sobre determinado conteúdo. Em dupla, deverão contar um ao outro a reflexão que fizeram sobre o que aprenderam e o que ainda não conseguiram avançar. Nesse diálogo, eles podem combinar de ajudarem-se mutuamente, cada qual contribuindo com o que aprendeu. As duplas poderão ser alternadas, de modo a criar um clima colaborativo e solidário na turma. Ao educador ou educadora cabe registrar as dúvidas surgidas e as estratégias utilizadas pelos educandos para trabalhar com os colegas.</p> <p>Estratégias trabalhadas: interatividade, aprendizagem colaborativa.</p>	<p>De acordo com o ritmo da sala, mas sugere-se que sejam atividades quinzenais.</p>	<p>O educador ou educadora poderá registrar suas observações em um caderno próprio.</p>





2. Avaliação dialógica e cidadã

Avaliando a avaliação

Qual o sentido do diálogo na avaliação? A relação dialógica entre avaliador e avaliado é uma prática possível? Como alimentar essa prática no processo de alfabetização de adultos?

A premissa da avaliação dialógica é o envolvimento dos sujeitos que serão avaliados, bem como dos que estão avaliando. Segundo Romão (2011, p. 107),

[...] realizada a avaliação da aprendizagem, com o aluno, os resultados não devem constituir uma monografia ou uma dissertação do professor sobre os avanços e recuos do aluno, nem muito menos uma preleção corretiva dos “erros cometidos”, mas uma reflexão problematizadora coletiva, a ser devolvida ao aluno para que ele, com o professor, retome o processo de aprendizagem. Nesse sentido, a sala de aula se transforma em um verdadeiro “círculo de investigação” do conhecimento e dos processos de abordagem do conhecimento.

Nessa perspectiva, é preciso ter clareza do que fazer com a avaliação. Qual o sentido que se tem dado a ela em nossas ações diárias na alfabetização com os educandos jovens, adultos e idosos?

Para a realização de uma avaliação dialógica, o professor Romão (2011, p. 108-122) cita aspectos que considera importantes, que são descritos adiante.

2.1 Identificação do que vai ser avaliado

Para identificar o que será avaliado, é necessário identificar como o planejamento foi elaborado: houve a participação do educando? Houve consulta às demandas da comunidade? Foi realizada a Leitura do Mundo?

Os planejamentos devem ser realizados com a participação dos educandos, dos educadores e dos coordenadores, mas não apenas para cumprir e atender formalidades e sim para reafirmar a importância da contribuição de cada um desses segmentos no processo como um todo.

Na avaliação dialógica e cidadã, aquela que o Projeto MOVA-Brasil se fundamenta, o planejamento é elaborado de modo a considerar o que se quer atingir, tendo sempre como ponto de partida a Leitura do Mundo realizada com o educando.

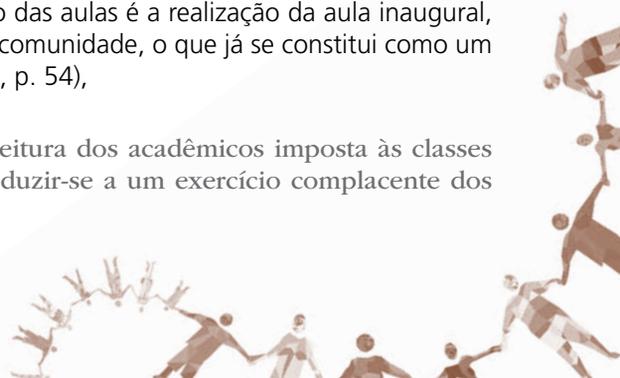
Não estamos falando que o planejamento deva ser engessado, mas construído como um roteiro, com os objetivos e procedimentos que orientam os passos previstos e combinados para o alcance das aprendizagens, permitindo ajustes durante o processo:

[...] o plano de curso é um instrumento importante, que deverá estar na mão dos professores e dos alunos, como uma espécie de mapa da mina do tesouro do saber, por meio do qual se vão rastreando as pistas e os caminhos que permitam a descoberta do conhecimento (ROMÃO, 2011, p. 108-109).

Como os educandos participam da identificação do que será avaliado?

No Projeto MOVA-Brasil, o primeiro movimento para o início das aulas é a realização da aula inaugural, momento em que a proposta de alfabetização é apresentada na comunidade, o que já se constitui como um primeiro movimento de Leitura do Mundo. Segundo Freire (1992, p. 54),

[...] a leitura do mundo não pode ser a leitura dos acadêmicos imposta às classes populares. Nem tampouco pode tal leitura reduzir-se a um exercício complacente dos



educadores ou educadoras em que, como prova de respeito à cultura popular, silenciem em face do “saber de experiência feito” e a ele se adaptem.

Com base no movimento da Leitura do Mundo, os monitores e coordenadores locais são orientados a identificar os Temas Geradores, e essa ação só é válida se efetivamente contar com a participação dos educandos. Esses temas possibilitarão um estudo mais aprofundado sobre a realidade local e seus problemas e permitirão identificar as possibilidades de intervenção, com vistas à transformação dessa realidade.

A Leitura do Mundo também possibilita caracterizar o perfil dos educandos, bem como identificar os interesses e conhecimentos que possuem. Todas essas informações são pontos de partida para o planejamento das aulas e para a avaliação.

Para Romão (2011, p. 109), essa ação é uma “verificação da identidade sociocultural dos alunos”, uma sondagem de sua “cultura primeira”, de suas potencialidades e dificuldades, de suas aspirações, projeções e ideais, de sua expectativa ou resistência.

Ao planejar como será o trabalho ao longo do ano, e isso deve acontecer no primeiro mês de aula, deve ser garantido o espaço para o diálogo com os educandos. Com isso, eles saberão o que está previsto para ser trabalhado em sala de aula e terão oportunidade de manifestar se concordam ou se existem outras aprendizagens que têm interesse.

Nesse diálogo, recomenda-se que sejam apresentadas, também, as possibilidades e formatos de avaliação e, acima de tudo, o que se pretende quando se avalia no Projeto MOVA-Brasil.

2.2 Construção, negociação e estabelecimento de padrões

Segundo Romão (2011, p. 113), é interessante que os padrões da avaliação sejam “referenciados ou construídos a partir das metas, dos objetivos, das estratégias, dos procedimentos, dos ritmos negociados no planejamento”. A participação dos educandos nessas definições contribui para que ele se torne também responsável. Ressalta-se a preocupação de que a avaliação precisa avançar para além da área cognitiva.

O que podemos avaliar?

Um dos desafios da avaliação é justamente definir o que avaliar, e isso acontece porque os parâmetros existentes dão conta apenas de aspectos mais relacionados às áreas do conhecimento (Língua Portuguesa, Matemática, Estudos da Sociedade e da Natureza, e pouco versam sobre participação, construção da autonomia etc.

No entanto, o objetivo geral do Projeto MOVA-Brasil vai além dos estudos relacionados às áreas do conhecimento, como podemos ver a seguir:

É objetivo do Projeto MOVA-Brasil: contribuir para a redução do analfabetismo no Brasil e para a inclusão dos participantes no mundo do trabalho, numa perspectiva sociocultural e socioambiental, com base na tecnologia social freiriana, na economia solidária e na economia de mercado.

Diante disso, é importante indagar:

- Quais são os conhecimentos relevantes para o mundo do trabalho? E para a vida cotidiana?
- Quais as abordagens necessárias para alfabetizar numa perspectiva sociocultural e socioambiental?
- O que se entende por economia solidária e de mercado?
- Que saberes são necessários para a inclusão social dos educandos?
- Quais são os parâmetros existentes para avaliar esses aspectos?

Para verificar se esses saberes estão sendo efetivamente construídos pelos educandos, é importante que, de forma coletiva, sejam construídos, negociados e estabelecidos padrões que ajudem a avaliar os diferentes aspectos presentes tanto no objetivo geral quanto nos objetivos específicos do Projeto.

2.3 Construção dos instrumentos de avaliação

A construção de instrumentos para a avaliação supera a perspectiva de checagem da quantidade de conteúdo que o educando estudou e apreendeu. Mais do que saber o quanto ele apreendeu, numa perspectiva classificatória, interessa-nos saber como foi o processo de descoberta, quais estratégias foram utilizadas e como elas podem ser socializadas com vistas à construção de novas aprendizagens. A avaliação precisa ser uma prática formativa, promovendo um ambiente de reflexão e de construção de novos conhecimentos.

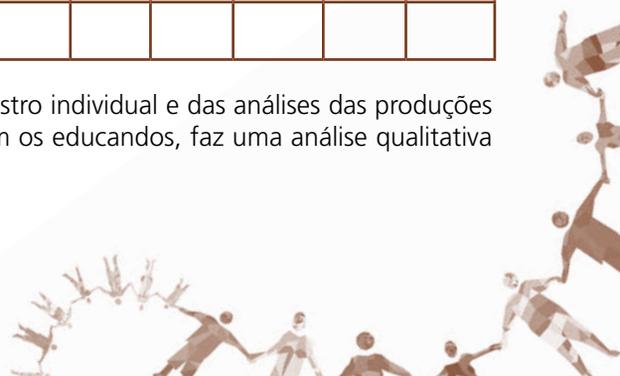
Existem alguns instrumentos de avaliação que promovem essa dimensão formativa. Um deles é o portfólio, sobre o qual falaremos mais adiante.

Além do portfólio, que é um instrumento que fornece uma leitura do processo para educando e educadores, o Projeto MOVA-Brasil, ao longo dos seus 12 anos de existência, elaborou e reelaborou alguns instrumentos de registro do processo avaliativo que levam em conta o caráter dinâmico da alfabetização. Dentre esses instrumentos, podemos destacar:

A) Ficha individual (longitudinal) – cada educador registra mensalmente a avaliação das aprendizagens de cada educando. Em diálogo com eles, o educador identifica os avanços e o que ainda é uma dificuldade a ser superada. Adiante segue um exemplo de uma das fichas de Matemática:

Ficha de acompanhamento longitudinal das aprendizagens dos(as) educandos(as) – matemática											
Turma:		Município/estado:				Coordenador(a) de polo:					
Monitor(a):		Coordenador(a) local:									
Educando(a):											
Meses/ano											
Números	Leitura	Lê número formado por milhar sem dificuldade									
		Lê número formado por milhar com dificuldade									
		Lê número formado por centenas sem dificuldade									
		Lê número formado por centenas com dificuldade									
		Lê número formado por dezenas sem dificuldade									
		Lê número formado por dezenas com dificuldade									
		Lê apenas unidades									
		Não lê algarismos									
	Contagem	Conta milhares									
		Conta centenas									
		Conta dezenas									
		Conta apenas unidades									
		Não conta									

B) Sistematização da avaliação processual: com base no registro individual e das análises das produções mensais, o monitor, em diálogo com a Coordenação Local e com os educandos, faz uma análise qualitativa sobre o desenvolvimento e as aprendizagens alcançadas.



2.4 Análise dos resultados

A análise dos resultados da avaliação tem como objetivo a tomada de decisão quanto aos passos seguintes no processo de aprendizagem. Os resultados a serem analisados podem ser obtidos por meio do instrumental de sistematização, que revelará os pontos que precisam ser retomados. Outra estratégia que pode ser utilizada é o “círculo de avaliação”, em que os educandos conversam com o monitor sobre o que percebem dos seus processos de aprendizagens, quais os desafios e como se percebem aprendendo. Sugere-se que os educadores combinem com os educandos a periodicidade desses círculos e os incluam no planejamento. Para iniciar os diálogos no círculo, os monitores podem utilizar algumas questões problematizadoras, tais como:

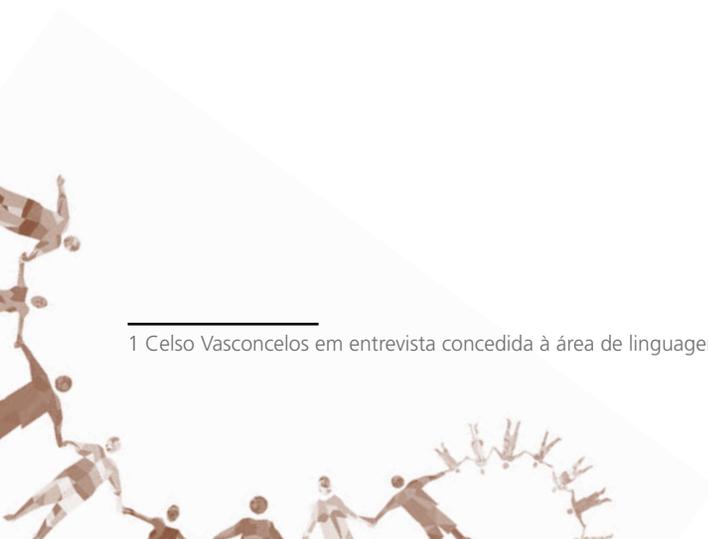
- O que você percebe que aprendeu?
- O que ainda parece ser um desafio para aprender?
- Quais foram as estratégias utilizadas pelo monitor que mais contribuíram para sua aprendizagem?
- Quais estratégias pareceram mais difíceis?

Além dessas, outras questões podem ser acrescentadas, pois nesse círculo o que se pretende é que os educandos compartilhem uns com os outros e com o monitor o que aprendeu, como aprendeu, o que ainda precisa avançar etc. Essas reflexões contribuirão para que o educador reavalie seu planejamento.

Para Celso Vasconcelos¹, “ao trabalhar a avaliação na perspectiva transformadora, dialética, libertadora, mediadora, diagnóstica, formativa, não faz sentido fazer a avaliação sem a intervenção”. Assim, destaca que a avaliação nessa perspectiva deve:

1. reconhecer os avanços;
2. identificar as necessidades, de modo que se possa intervir para avançar;
3. localizar as potencialidades.

¹ Celso Vasconcelos em entrevista concedida à área de linguagens do Colégio Santa Marcelina, em 2008.



3. Portfólio no processo de alfabetização de jovens, adultos e idosos: um caminho para a avaliação processual

Avaliando a avaliação

O portfólio é um registro do processo no momento em que ele se desenvolve. Mas pensemos em uma outra possibilidade. Se você, leitor, tivesse de fazer um portfólio das aprendizagens construídas ao longo da sua vida, nas diferentes dimensões, como você faria? Quais imagens, palavras ou frases ilustrariam o seu portfólio?

Antes de mais nada, cabe-nos refletir um pouco mais sobre essa importante forma de registro do processo avaliativo. De maneira geral, há diferentes definições para portfólio. Veja algumas delas:

- uma pasta com diferentes tipos de documentos (anotações, experiências, trabalhos) que ilustram o conhecimento que foi construído pelo educando;
- um instrumento de aprendizagem que registra a organização dos saberes, assim os como álbuns de fotografias os portfólios revelam vidas, contam histórias, organizam processos de construção do conhecimento;
- coleção organizada de atividades;
- uma forma de avaliação inspirada nas artes.

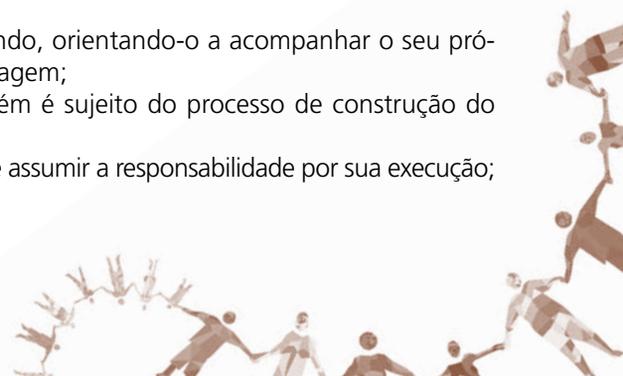
O portfólio, enquanto ferramenta pedagógica, pode ser descrito como uma coleção organizada e planejada de trabalhos produzidos pelos educandos ao longo de um determinado período de tempo, de forma a proporcionar uma visão ampliada e detalhada da aprendizagem efetuada por eles, bem como dos diferentes componentes do seu desenvolvimento cognitivo, de aprendizados relacionados às dimensões: artístico-culturais, socioambientais, de relações interpessoais, afetivas e tantas outras dimensões quantas forem as consensuadas entre educador e educandos para o processo avaliativo. Reflete também a identidade de cada educando, de cada educador em cada contexto, enquanto construtores do seu desenvolvimento ao longo da vida. Permite uma verdadeira avaliação contínua. O portfólio é um instrumento de avaliação dialógica, formativa e continuada. Nele, em geral, são organizados os trabalhos mais significativos para a aprendizagem do educando.

Para Villas Boas (2004, p. 38):

Originalmente, o portfólio, é uma pasta grande e fina em que os artistas e os fotógrafos iniciantes colocam amostras de suas produções, as quais apresentam qualidade e abrangência do seu trabalho, de modo a ser apreciado por especialistas e professores. Essa rica fonte de informação permite aos críticos e aos próprios artistas iniciantes compreender o processo em desenvolvimento e oferecer sugestões que encorajem sua continuidade [...]. Em educação, o portfólio apresenta várias possibilidades; uma delas é a construção pelo aluno. Nesse caso, o portfólio é uma coleção de suas produções, as quais apresentam as evidências de sua aprendizagem.

E quais são os objetivos e vantagens do portfólio? São vários. Dentre eles podemos destacar:

- ser um material de acompanhamento, desenvolvimento e avaliação do ensino e aprendizagem;
- organizar o saber do educando;
- contribuir para a construção da autonomia do educando, orientando-o a acompanhar o seu próprio desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem;
- criar condições para o educando perceber que também é sujeito do processo de construção do conhecimento;
- perceber que o trabalho lhe pertence, portanto, cabe-lhe assumir a responsabilidade por sua execução;



- permitir aos educadores aproximarem-se do trabalho dos educandos, não de uma maneira pontual e isolada, como acontece nas provas e testes, mas de forma contextualizada e processual;
- contribuir para a construção da identidade como sujeito que aprende;
- estimular o questionamento, a discussão, a suposição, a proposição, a análise, reflexão e a construção de novos conhecimentos.

Por tudo isso, podemos concluir que um portfólio não implica só selecionar, ordenar evidências de aprendizagem e colocá-las num formato para serem mostradas. É, sim, um processo constante de reflexão, de comparação entre as finalidades educativas e as atividades realizadas para sua consecução, para explicar o próprio processo de aprendizagem e os momentos-chave nos quais o educando superou ou localizou um problema. Os portfólios permitem aos educadores e educandos estabelecerem a relação das partes com o todo e, sobretudo, é um recurso para relacionar a teoria com a prática. Permite refletir sobre a reconstrução da aprendizagem, sobre o papel dos educandos no processo, sobre a interação e intervenção do educador, sobre a definição dos conteúdos e dos objetivos e sua relação com as atividades propostas, com os resultados alcançados e com uma atitude investigadora.

Vale ressaltar que o importante é que educador e educandos definam os objetivos e construam o portfólio juntos. É importante também, na medida do possível, construir com os educandos os indicadores a serem observados na avaliação. No trabalho com portfólio, objetiva-se que o educando assuma uma postura autônoma. Ao rever suas produções, ele deve ter a chance de refazê-las.

É importante que todas as versões de uma mesma atividade constem no portfólio, de forma que o educando possa perceber sua evolução. O uso do portfólio busca uma nova postura de avaliação, diferente daquela que apenas quantifica os erros e os acertos.

Concordamos com Miranda (2011, p. 104), quando diz:

O trabalho com o portfólio na Educação de Jovens e Adultos [...] poderá constituir-se como uma possibilidade na qual professor e estudantes exerçam poderes compartilhados, escuta, diálogo, construção de aprendizagens diversas, assim como também a assunção de sucessos e – insucessos, de acordo com os objetivos e a avaliação estabelecidos no trabalho a ser executado por meio do portfólio.

O portfólio possibilita o acompanhamento do processo de aprendizagem dos educandos e contribui para que se tenha uma visão de como são desenvolvidas as atividades em sala de aula, com base nas produções dos educandos e nos registros do monitor. Os registros que compõem o portfólio possibilitam identificar ainda:

- a. o que o educando já sabe: dimensão social (trabalho com a realidade e os Temas Geradores) e dimensão cognitiva (hipóteses de escrita, leitura e oralidade dos conhecimentos matemáticos) para auxiliar o planejamento do monitor;
- b. o que o educando deseja aprender: (os conhecimentos relacionados às suas expectativas, redirecionando as estratégias e intervenções);
- c. verificar os resultados alcançados (em relação às aprendizagens construídas no processo e ao impacto da alfabetização na vida do educando).

3.1 Organização do portfólio no Projeto MOVA-Brasil

Quando tratamos de portfólio, de modo geral não existe um padrão em seu formato. No entanto, o Projeto MOVA-Brasil definiu alguns elementos importantes que devem ser garantidos:

- **Identificação:** dados pessoais do educando e do Projeto, como nome do educando, polo (estado), nome do coordenador de núcleo, nome do monitor, parceiros, local de funcionamento da turma e data de início e término da etapa.
- **História de vida do educando:** atividades realizadas pelo educando que deverão explicitar sua trajetória, vivências, experiências, expectativas, sonhos e saberes. Aqueles que ainda não escrevem, terão o monitor como escriba e poderão desenvolver atividades utilizando outra forma de linguagem, como desenhos, imagens, fotos, recortes de jornais/revistas.
- **Ficha de acompanhamento do desenvolvimento longitudinal do educando:** para que seja possível conhecer o histórico de desenvolvimento das aprendizagens consolidadas no decorrer do processo de alfab-

tização, ou seja, como o educando iniciou, como foi seu desenvolvimento e como concluiu o processo, nos aspectos da socialização, participação, leitura, oralidade da escrita e conhecimentos matemáticos.

- **Produções mensais do educando:** serão inseridas no portfólio durante todo o processo de alfabetização. As atividades inseridas devem garantir a identificação do desenvolvimento da aprendizagem do educando com relação aos aspectos trabalhados no período.

3.2 Passo a passo da elaboração do portfólio dos educandos do Projeto MOVA-Brasil

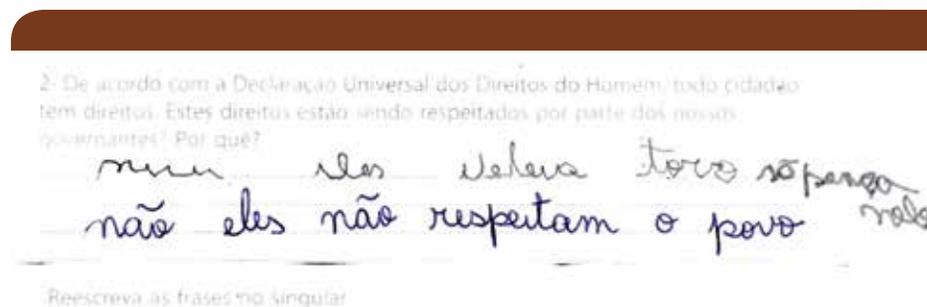
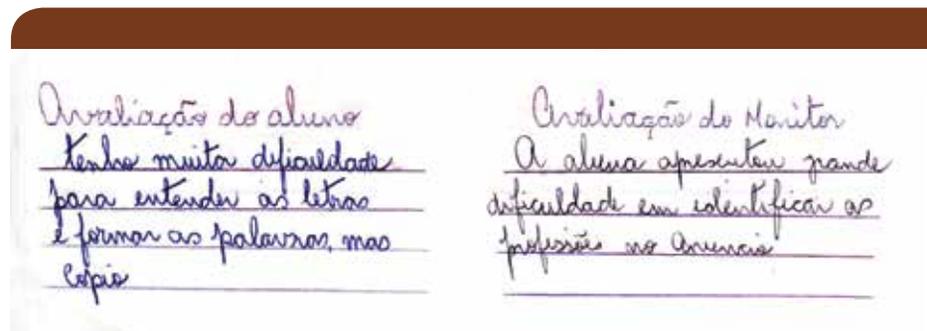
Sem a pretensão de ser uma camisa de força, mas buscando garantir aspectos essenciais à elaboração de um portfólio que conte com a contribuição de todos que participam do Projeto (educandos, educadores, coordenadores), elaboramos alguns passos que podem ser considerados na elaboração de um portfólio:

- em diálogo com os educandos, combinam-se as datas em que as atividades serão selecionadas e analisadas para o portfólio. Com isso, monta-se um cronograma que deve ficar exposto para acompanhamento de todos;
- monitor e educando dialogam sobre as expectativas de aprendizagem, com base na Leitura do Mundo;
- combina-se o que será observado e analisado nas avaliações, visando alcançar os objetivos do Projeto e as expectativas dos educandos;
- reúnem-se as atividades pedagógicas realizadas na data combinada (preferencialmente próxima ao final do mês). Para compor o portfólio, podem ser selecionadas aquelas mais significativas, que representem o desenvolvimento do educando;
- as atividades deverão conter o cabeçalho com a identificação do Projeto e a data de realização dos trabalhos;
- o monitor escreve no verso de cada atividade o objetivo, a metodologia e o resultado, considerando sempre o que estava previsto no objetivo;
- ao final de cada mês, o monitor elaborará a análise do acompanhamento processual do educando, em forma de texto;
- realiza-se o círculo de avaliação com base no que foi planejado pelo grupo.

Exemplos de registro do que foi discutido no círculo de avaliação:

Quando a escrita do educando não é interpretável, o monitor faz a transcrição (legenda). Mas deve ter cuidado, pois o portfólio é do educando e essa legenda não tem o sentido de corrigir, mas de historicizar o processo.

Ao final do período de alfabetização, o monitor elaborará, com base no diálogo com o educando, uma análise final sobre participação, socialização, oralidade, leitura, escrita, matemática e Leitura do Mundo; em forma de texto qualitativo, que sintetize o desenvolvimento de sua aprendizagem.





4. O acompanhamento processual da aprendizagem para a continuidade dos estudos

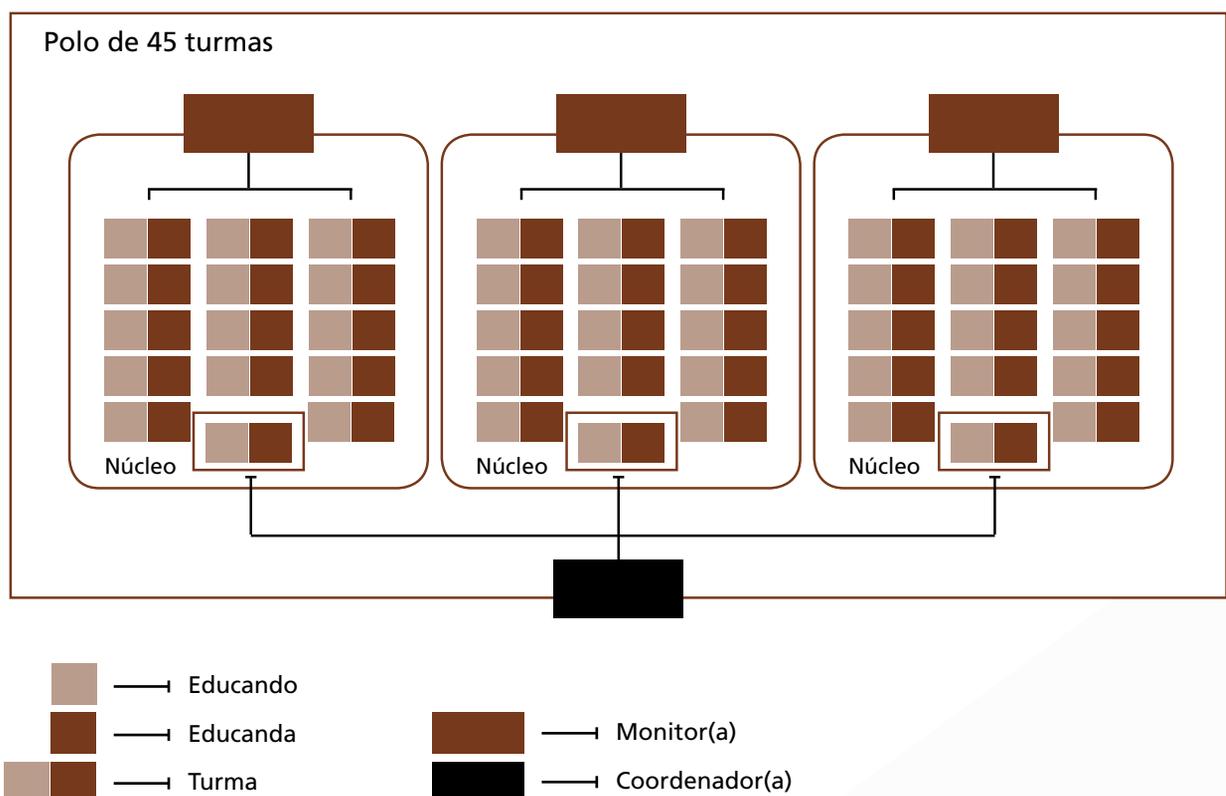
Avaliando a avaliação

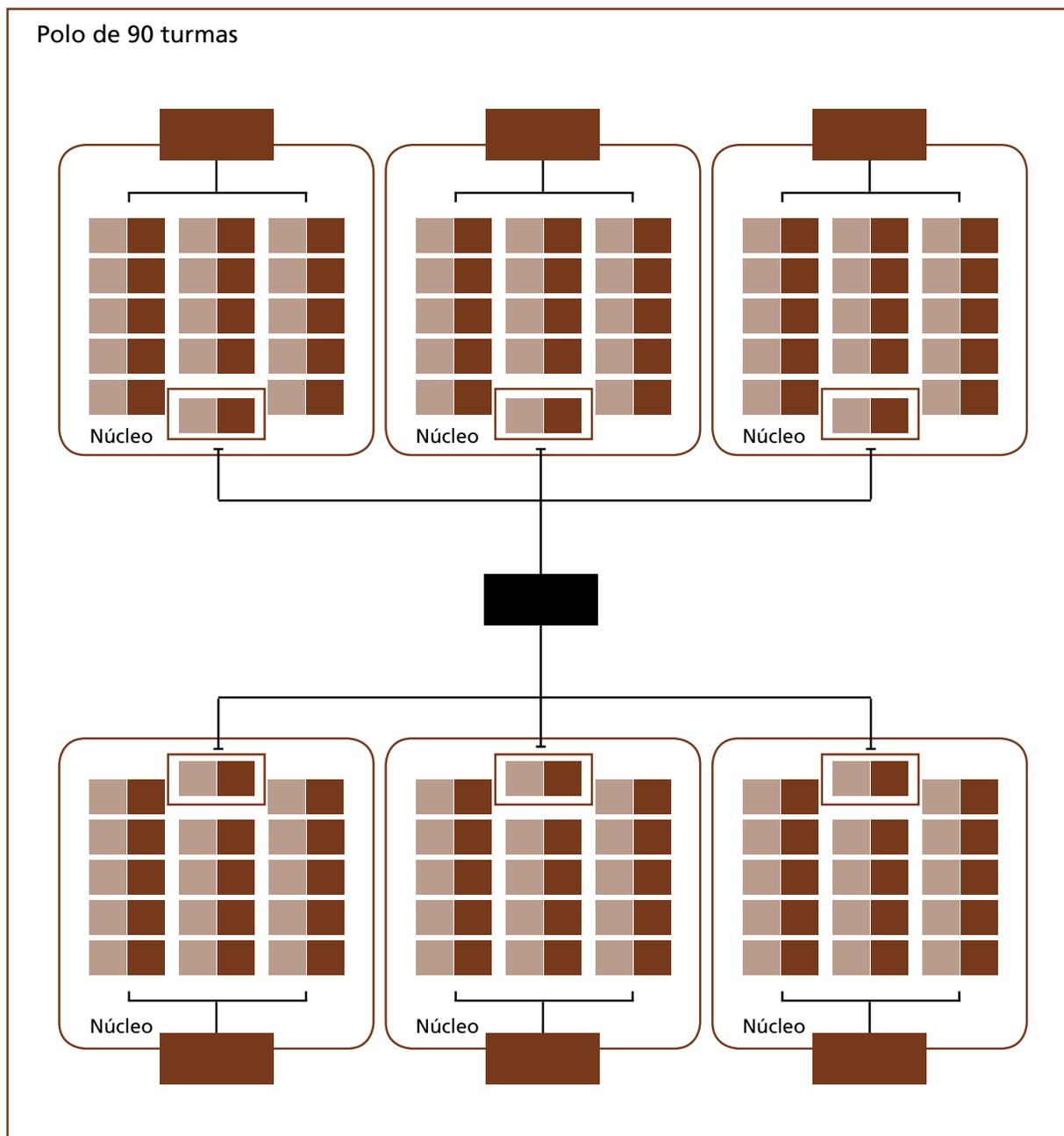
A avaliação processual, dialógica, formativa e cidadã contribui para o acompanhamento dos educandos ao longo do período de alfabetização e fornece elementos para o encaminhamento à EJA? De que forma?

O acompanhamento da aprendizagem dos educandos no Projeto MOVA-Brasil é uma ação fundamental para garantir a qualidade social da alfabetização. O portfólio contribui significativamente para o acompanhamento de todos. Nas Formações Semanais dos monitores com a Coordenação Local, e nas desta com a Coordenação de Polo, são garantidos momentos para reflexão sobre as aprendizagens e sobre as estratégias de intervenção necessárias.

Além desse acompanhamento geral, cada Coordenador Local seleciona dois educandos por turma, assegurando a equidade de gênero, para serem acompanhados de perto desde o início até o final da etapa. Cabe ao coordenador local selecionar as atividades diagnósticas desses dois educandos por turma, assim como a ficha longitudinal de cada um.

Esses materiais serão utilizados no momento da Formação para análise conjunta e estudos de possibilidades de intervenção para avanço das aprendizagens dos educandos e para a composição do Relatório de Monitoramento e Avaliação do Investimento Social da Petrobras (Relatório MAIS) e também para compor o memorial do Projeto MOVA-Brasil. Com isso, busca-se assegurar ao final da etapa uma maior percepção do percurso realizado.





4.1 O encaminhamento do educando para a continuidade dos estudos...

Não haveria sentido se, depois de um processo de alfabetização tão rico, tão bem acompanhado e avaliado, o educando deixasse de dar continuidade aos estudos e ficasse estagnado, correndo o risco de regredir nas suas conquistas.

Por esse motivo, o Projeto MOVA-Brasil tem como meta encaminhar, no mínimo, 50% dos educandos alfabetizados para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A EJA é uma modalidade de ensino que atende estudantes jovens, adultos e idosos, maiores de 15 anos de idade, que não concluíram o ensino fundamental, em todos os níveis da educação básica. Contudo, as recorrentes e pontuais campanhas de alfabetização e a histórica inconsistência de políticas efetivas de continuidade dos estudos desmobilizam o interesse dos educandos e descontinuam a oferta e o acesso da educação como uma questão de direito.

Os sujeitos da EJA, de modo geral, não tiveram oportunidade de frequentar a escola. Essas pessoas apresentam características similares: são pertencentes a comunidades com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e famílias em condição de vulnerabilidade social (maioria de mulheres, negros, moradores do campo e da região Nordeste), com baixa remuneração e qualificação profissional. Frequentemente lidam com distorções, preconceitos, estereótipos (como o de fracassados) etc.

A criação de estratégias, sobretudo articulações políticas, para garantir a continuidade de estudos para os educandos tem sido um esforço constante do Projeto MOVA-Brasil. Já no início de cada etapa procura-se estabelecer uma agenda de trabalho conjunta entre coordenador de polo, coordenador local e parceiros agregados, para o fortalecimento das políticas públicas de educação de jovens, adultos e idosos e o encaminhamento destes para a continuidade dos estudos. Empenhados em sensibilizar e assegurar o apoio dos gestores da educação nos municípios atendidos, tem sido de grande importância a atuação dos polos em sintonia com fóruns de EJA, o que potencializa e fortalece a luta pela EJA como política pública.

Uma das ações para isso é a realização de um mapeamento sobre a oferta de escolas nas localidades em que o Projeto MOVA-Brasil atua e que atendem a EJA. Outra questão importante é que, desde o início da etapa, a equipe do polo e as coordenações dos núcleos estabelecem diálogo com as Secretarias Municipais de Educação para apresentar o Projeto e apontar a demanda de educandos a serem encaminhados às escolas no final da etapa. Tal ação tem possibilitado a construção de uma agenda propositiva com as direções, coordenações e gerências técnicas de EJA nos estados, visando o atendimento e abertura de turmas do primeiro segmento da educação de adultos.

O Projeto MOVA-Brasil orienta que o educando se apresente à escola em que continuará estudando levando o seu portfólio, como forma de demonstrar seu processo de aprendizagem no período da alfabetização.





5. Avaliação institucional

Avaliando a avaliação

Você já participou ou participa de alguma ação de avaliação institucional? Como a descreveria?

O Projeto MOVA-Brasil objetiva alfabetizar e incluir socialmente aqueles a quem, historicamente, vem sendo negada a educação como direito humano. Como já foi dito, para o Projeto é importante a avaliação da aprendizagem dos educandos, verificando “se” e “em que medida” estão aprendendo a ler e a escrever e, também, se estão aprofundando a compreensão que eles têm de si mesmos, do mundo em que vivem e se estão conseguindo se organizar e se articular para intervenções no âmbito local, com vistas à transformação social. Mas, para além dessa avaliação, faz-se necessária também a avaliação do próprio Projeto.

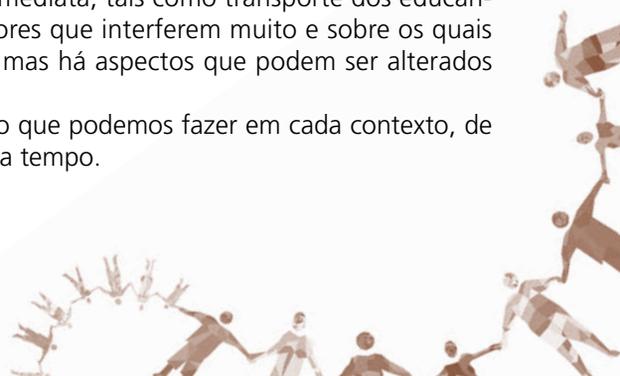
Além de alfabetizar, o Projeto MOVA-Brasil, enquanto ação que pretende promover desenvolvimento e cidadania, também avalia outras dimensões de suas ações para ir se aperfeiçoando a cada fase realizada. Por isso, não apenas falamos de avaliação de aprendizagem dos educandos, mas também de avaliação institucional, avaliação do próprio projeto, avaliação da nossa atuação como monitores e coordenadores (locais e de polo) e avaliação dos processos formativos que o Instituto Paulo Freire oferece. Enfim, é fundamental avaliar a aprendizagem dos educandos e a nossa também, de modo que possamos aperfeiçoar o nosso trabalho. Portanto, além do portfólio dos educandos, são importantes também os registros dos educadores, dos coordenadores locais e dos coordenadores de polo.

Assim como definimos com os educandos como construir processualmente a avaliação da aprendizagem deles, é fundamental, a cada fase do Projeto, atualizar entre os participantes como será o registro e a avaliação da nossa própria aprendizagem e do Projeto como um todo. Para isso, cabem as seguintes indagações:

- as avaliações nos encontros de Formação têm oferecido dados relevantes para o aperfeiçoamento de nossa prática?
- para aperfeiçoar o Projeto, o que precisa ser avaliado, reorganizado, alterado?
- quais dimensões precisam ser levadas em consideração?
- quais os aprendizados de cada fase?
- que tipo de aprendizado, tanto na dimensão pedagógica quanto administrativa, cada núcleo de alfabetização construiu em cada etapa?
- como tem sido feito o planejamento? Cada núcleo e cada polo possui seu Projeto Eco-Político-Pedagógico (PEPP)?
- cada núcleo tem realizado o diagnóstico inicial dos educandos, organizado seu próprio portfólio e cuidado do registro documental das ações?
- os processos formativos têm conseguido identificar os fatores que influenciam positiva e negativamente a trajetória do Projeto e têm oferecido repertório para reorientação da prática?
- tem sido criada uma rotina de autoavaliação, de avaliação das diferentes variáveis que interferem no alcance dos objetivos do Projeto, com o envolvimento dos diferentes sujeitos que dele fazem parte?

De fato, há aspectos sobre os quais não temos ingerência imediata, tais como transporte dos educandos, problemas de saúde, rotinas de trabalho. Contudo, há fatores que interferem muito e sobre os quais podemos agir. Há dimensões cuja transformação exige tempo, mas há aspectos que podem ser alterados nos curto e médio prazos.

Precisamos, com “paciência impaciente”, avaliar e verificar o que podemos fazer em cada contexto, de que forma e em que prazos e, assim, melhorar o possível em cada tempo.



Educação de Adultos

A avaliação, como oportunidade de reflexão, de aprendizagem e de produção de conhecimento, requer registro, investigação sistemática, diálogo etc. Assim, podemos verificar os fatores críticos e corrigir rumos para o melhor alcance dos objetivos a que nos propusemos. Nesse sentido, quando falamos em avaliação dialógica, formativa e continuada, destacamos não só a avaliação da aprendizagem dos educandos, mas também a avaliação da nossa própria aprendizagem como pessoas que fazem parte desse desafio e também do processo histórico do MOVA-Brasil.



Sugestões de vídeos

Entrevista sobre Avaliação – Celso Vasconcellos (parte 1). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=vu2szZX5zus>. Acesso em: 22 jun. 2015.

Entrevista sobre Avaliação – Celso Vasconcellos (parte 2). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=X8iPVd3Sb68>. Acesso em: 22 jun. 2015.

Entrevista sobre Avaliação – Celso Vasconcellos (parte 3). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=L5t3VF3kG2k>. Acesso em: 22 jun. 2015.

Avaliação da aprendizagem – Cipriano Luckesi. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=JqSRs9Hqgtc>. Acesso em: 22 jun. 2015.

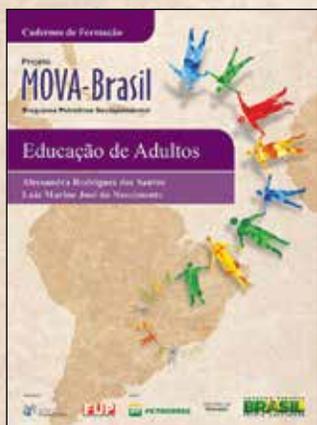




Referências

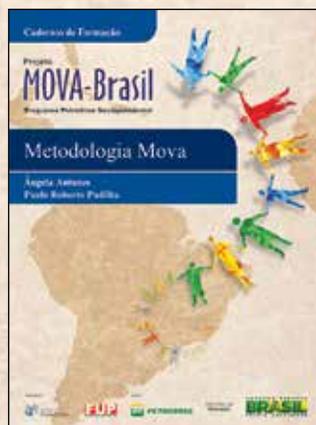
- ANTUNES, Ângela; PADILHA, Paulo Roberto. *Metodologia Mova*. São Paulo: Ed,L – Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011 (Cadernos de Formação do Projeto MOVA-Brasil).
- _____; GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto; NASCIMENTO, Luiz Marine José do. *Educação de jovens e adultos: planejamento e avaliação*. São Paulo: IPF/SENAC, 1999.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996)*. Brasília: Casa Civil, 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 18 jun. 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. *A educação na cidade*. 5 ed. Cortez editora. São Paulo, 2001.
- MIRANDA, Joseval dos Reis. *A avaliação das aprendizagens na educação de jovens e adultos por meio do portfólio*. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- ROMÃO, José Eustáquio. *Avaliação dialógica: desafios e perspectivas*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. *Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico*. Campinas: Papyrus, 2004 (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico).





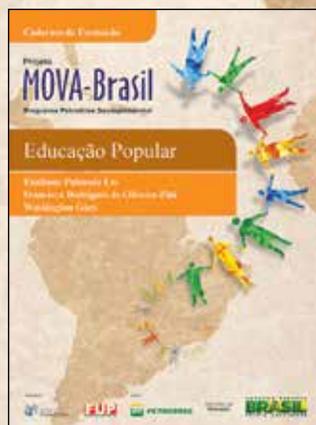
Educação de Adultos
Alessandra Rodrigues dos Santos
Luiz Marine José do Nascimento

Concepção de Educação de Adultos, de conhecimento e de aprendizagem. Educação Libertadora. Educação Popular. Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Principais contribuições das Conferências Internacionais de Educação de Adultos, Diretrizes Nacionais da EJA.



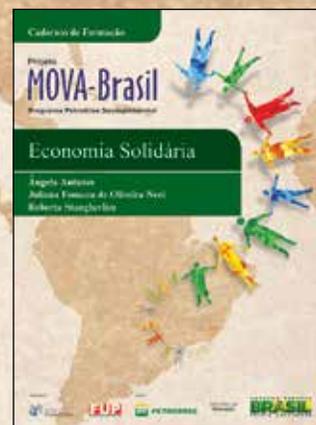
Metodologia Mova
Ângela Antunes
Paulo Roberto Padilha

Raízes históricas do Mova: características, estrutura e funcionamento. Leitura do Mundo. Círculos de Cultura. Método Paulo Freire. Registro e sistematização de dados da realidade. Cultura e Currículo. Projeto Eco-Político-Pedagógico. Proposta Pedagógica, Avaliação da aprendizagem e Avaliação institucional.



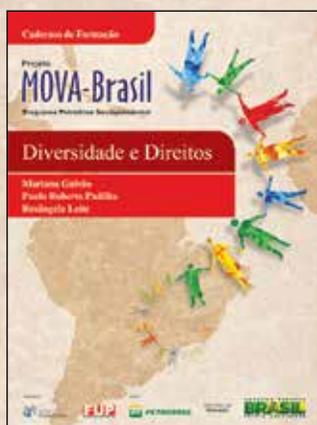
Educação Popular
Emílio Palmada Liu
Francisca Rodrigues de Oliveira Pini
Washington Góes

Concepção de Educação Popular na perspectiva do campo democrático popular. Histórico da Educação Popular no Brasil e na América Latina. Contribuições centrais de Paulo Freire à Educação Popular; Educação Popular como concepção de educação. Mobilização e Articulação social.



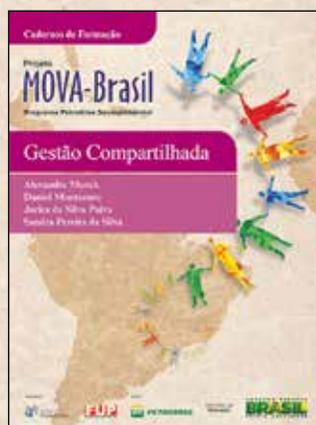
Economia Solidária
Ângela Antunes
Juliana Fonseca de Oliveira Neri
Roberta Stangherlim

Trabalho, emprego e renda. Fundamentos, concepção e características da Economia Popular e Solidária. Economia Solidária como práxis pedagógica. Contribuições à reflexão sobre educação e qualificação profissional. Sustentabilidade e bem-viver.



Diversidade e Direitos
Mariana Galvão
Paulo Roberto Padilha
Rosângela Leite

Linguagem, cultura e direitos humanos na alfabetização de jovens, adultos e idosos. Diversidade Étnico-racial, Diversidade de Gênero, Diversidade Sexual e Inclusão das pessoas com deficiência no Projeto MOVA-Brasil.



Gestão Compartilhada
Alexandre Munk
Daniel Montezano
Jérica da Silva Paiva
Sandra Pereira da Silva

Fundamentos, princípios e orientações práticas relacionadas às dimensões administrativa, financeira e de gestão das pessoas. Subsídios para a organização do trabalho relacionado ao Projeto MOVA-Brasil.



Água, energia e mudanças climáticas
Sheila Ceccon
Sonia Couto

Reflexões sobre o contexto socioambiental brasileiro, a disponibilidade de água, o abastecimento de energia, as mudanças climáticas e a atuação dos movimentos sociais na construção de estratégias de enfrentamento



Avaliação do processo de ensino e aprendizagem
Alessandra Rodrigues dos Santos
Sonia Couto

A avaliação do processo de ensino e aprendizagem, a avaliação dialógica e cidadã e o portfólio como caminhos para a avaliação processual no Projeto MOVA-Brasil. O acompanhamento processual da aprendizagem e o encaminhamento do educando para a continuidade dos estudos. A avaliação institucional.